

Black Wings 3

Campos

de

Sangue

©2021. Raquel Alves

Todos os direitos reservados.

Produção e Diagramação: Raquel Alves

Capa: Raquel Alves (imagem do Site Pixabay)

Revisão: Raquel Alves

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica feita pela autora

A474c Alves, Raquel.
 Campos de Sangue: Black Wings- Livro III / Raquel
 Alves. – 1ª. ed. – Juazeiro do Norte, CE: Edição do autor,
 2021.
 (Black Wings; v. 3)
 144 p. : il.

ISBN: 978-65-00-20015-7

1. Romance Sobrenatural. 2. Anjos- Ficção. 3. Drama. 4.
Literatura Brasileira. I. Alves, Raquel. II. Título. III. Série.

CDD: B869.93
CDU: 821.134.3(81)

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem
autorização prévia do autor. Todos os direitos estão
devidamente registrados.

Dedicatória:

Novamente gostaria de expressar o meu mais profundo agradecimento a todos que acompanharam a saga Black Wings e dedicar este livro a vocês. Este é o fim de um romance e a esperança de que o amor vence tudo!!!

Sumário:

Prólogo

Livro 1: A história

Capítulo 1: Um sacrifício à deusa Ísis..... pág. 08

Capítulo 2: Carta branca..... pág. 20

Capítulo 3: Ser livre!.....pág. 30

Livro 2: O véu

Capítulo 4: O perdão que liberta.....pág. 46

Capítulo 5: Eu juro!.....pág. 56

Capítulo 6: O “eu” oculto.....pág. 76

Livro 3: Meu Apocalipse

Capítulo 7: Campos de Sangue- Parte 1.....pág. 87

Capítulo 8: Escute as nossas preces!..... pág. 101

Capitulo 9: Campos de Sangue- Parte 2.....pág. 112

Capítulo 10: Adeus, meu grande amor..... pág. 126

“E quando eu estava adormecido, uma grande tristeza tomou conta de meu coração e chorei durante o sono, e não poderia entender que tristeza era aquela ou o que iria acontecer-me.”

Livro dos Segredos de Enoque

Prólogo:

Já faz um bom tempo que estou vagando por Coldland como um espírito que não encontrou a paz. Mas encontrei algo mil vezes mais importante do que meu descanso eterno: encontrei meu amor, que sempre esteve esperando por mim.

Eu estou desafiando qualquer espécie de lei do mundo material e espiritual, desafio este, estimulado pelo crescente amor que nutro pelo meu Anjo Caído, Ullieh.

Sem saber de seus planos, Ullieh decidiu me dar uma segunda chance de “realmente viver”, aceitando o trabalho proposto por Auriel (seu ex-líder angelical) de encontrar o 2º Livro de Magia de Enoque e salvar a alma de Aisha, uma antiga paixão de Auriel. Este, por outro lado, conseguiria as mil assinaturas que autorizariam o meu processo de reencarnação, com a intenção de que, no dia do julgamento final, minha alma fosse salva do fogo do inferno.

Por isso, Ullieh se arriscou indo até Jerusalém para encontrar com Abud, o líder local de uma comunidade de Anjos Caídos, responsável por manter alguns escritos do livro enoquiano resguardados do mundo inteiro, e até dos seres angelicais e dos seres inferiores.

O que ninguém suspeitava era que um Anjo chamado Orin, tinha planos de destronar Auriel e de instalar o quanto antes, o período pré-apocalíptico nos céus e na Terra. Junto a

Orin, um exército de Anjos traidores e criaturas inferiores aguardavam o sinal das trombetas finais, anunciando uma batalha horrenda. E meu Ullieh, Abud e William estavam impossibilitados de lutar, devido a uma lança altamente enfeitiçada que ardia em seus peitos agora.

Mais uma vez, alguém terá que fazer a difícil escolha entre amar e se sacrificar.



LIVRO 1: A HISTÓRIA

“Colocarão suas alegrias em suas riquezas e sua confiança nos deuses fabricados por suas próprias mãos.”

Apocalipse das Semanas de Enoch

Capítulo 01: Um sacrifício à deusa Ísis

Auriel estava bastante apreensivo sobre o seu último discurso na frente de uma banca de seres celestiais. Ele havia feito de tudo que estava ao seu alcance para conseguir as mil assinaturas que ativariam o meu processo de reencarnação. Talvez ele tivesse até burlado certas regras e ter feito alianças ou boas amizades no passado, que seriam testadas agora...

A verdade é que o resultado do meu julgamento celestial não deixara muitos Anjos satisfeitos. Aparentemente, eles não viram em minhas atitudes, algo que fosse um pecado tão mortal assim... Até entoaram um coro de misericórdia que não surtiu o efeito desejado. Ao saber de fato, que eu me tornara uma alma perdida, que eu atravessasse o “Vale da Morte” rumo aos braços de meu amado Anjo Caído e único amor, a sensibilidade e o

sentimento de culpa não permitiam que alguns daqueles “espectadores” vivessem em paz.

Percebendo essa inquietação, Auriel a princípio, tentou convencê-los de me enviar ao Éden. Ele conseguiu a autorização, mas justamente quando tudo estava indo tão bem, eis que duas bombásticas notícias abalam os céus: o sumiço dos objetos sagrados de purificação da alma humana e o desaparecimento da alma de uma humana chamada Aisha, dos confins do Edén. Especialmente o desaparecimento dessa mulher, despertou a atenção e preocupação do líder dos Anjos da Morte.

Temendo a realidade oculta nesses dois desaparecimentos e por baixo dos panos, Auriel encarregou Ullieh dessa nova missão com o propósito de recompensá-lo por toda a omissão passada, em relação a sua falta de ajuda para com a nossa causa (fato este que não precisa ser lembrado, não é?).

Ullieh aceitou de bom grado, visto que a prioridade era a salvação de minha alma. Assim que soube do “sim” de Ullieh, Auriel se empenhou em sua última tacada: o processo de reencarnação que salvaria a minha alma. Foi estabelecido um prazo onde Ullieh entregaria os escritos do 2º Livro de Magia de Enoque e em troca, receberia uma espécie de “comprovante de solicitação do processo de reencarnação”, uma garantia que em poucos dias, eu seria preparada para uma nova oportunidade de viver e esquecer toda a minha vida passada.

Enquanto aguardava o resultado da apuração de todos os fatos, relatos e assinaturas (que seriam avaliados pelos três Arcanjos Divinos: Miguel, Rafael e Gabriel), Auriel fechou os olhos e depois de milhares de anos, recordou da lembrança de Aisha, sendo tragado por aqueles pensamentos, ao dia que jamais esquecera, por mais que insistisse em não querer recordar.

Aquela memória sempre permaneceu mais viva do que nunca, como fogo ardente no peito.



Tudo começou no antigo Egito. Naquele tempo, (e até em tempos presentes) humanos cultuavam entidades, ou seja, pessoas com capacidades especiais, seres mágicos e afins que eram vistos como “deuses” ou se intitulavam como “deuses”.

Há relatos diversificados nas mais interessantes mitologias e religiões politeístas conhecidas ao longo da história da humanidade. Procurando explicações para tudo que acontecia ao seu redor, o homem foi “dando crédito” e depositando sua fé nesses novos deuses que passaram a dominar e governar as civilizações antigas.

O Egito era um local onde esse pensamento era fortemente disseminado, inclusive na visão de Aisha, futura

sacerdotisa da deusa egípcia Ísis (especialmente essa deusa local era bastante cultuada pelo povo), e na visão compartilhada por gerações e gerações: os sacerdotes, faraós e deuses eram responsáveis pelo equilíbrio da vida no mundo egípcio, zelando o máximo possível para que esse objetivo fosse alcançado, não obstante os sacrifícios obtidos, muitas vezes, através de seus supostos representantes na Terra.

Aisha acreditava que poderia existir outras civilizações além dos limites de sua imaginação: portanto, estas outras civilizações eram vistas pelos demais egípcios como seres caóticos e que poderiam por fim a ordem do seu mundo.

Hoje, na maturidade de seu ser, ela consegue enxergar que esse seu mundo é um pouco diferente daquele que habitava as histórias de seus sonhos. Todos, no final das contas, representam alguma espécie de ordem e caos em seus próprios mundos, sendo, pois, essa dualidade oriunda de cada ser, no mundo ao qual vivemos.

Mulheres virgens eram escolhidas desde crianças e “treinadas” para serem sacerdotisas da grande deusa Ísis. Dentre elas, Aisha era vista como a “criança prodígio”, não só por sua beleza divina e inteligência, mas porque algumas pessoas fanáticas acreditavam que a própria deusa habitava em seu ser. O culto da deusa Ísis se estendeu além do Egito, porém um dia estaria prestes a desaparecer.

Em se tratando da utilização de mágicas e fórmulas secretas na resolução de seus problemas, estas eram constantes

na vida do povo egípcio. Tal magia era ensinada pelos sacerdotes e magos instruídos pelos deuses, a uma parcela da população privilegiada. Contudo, o acesso à magia dos deuses fora ficando restrito à medida que os problemas assolavam a vida do povo, como uma espécie de ira divina a jorrar no sangue de suas veias.

E nesse período, completamente sozinha, Aisha não tinha como lutar contra todo um sistema de submissão e de escravidão, e sucumbia aos pretextos da sociedade e da família, especialmente. Mas, lá no fundo, ela apenas se sentia uma humana qualquer, que acreditava num ser superior regente de todo o universo.

Ela tinha ouvido histórias sobre um deus único e maravilhoso, e coincidentemente, essa fora a época em que os deuses do Egito foram perdendo força. Não só no Egito, mas em cada parte do mundo antigo, em uma dada época da história das civilizações, os povos se renderam as religiões monoteístas, como por exemplo, o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

Para Auriel, este era o resultado já era esperado. As crenças politeístas estavam entrando em decadência. Era difícil o homem se desvincular do modelo que propagou durante tanto tempo, oriundo de sua própria ignorância por não aceitar e reconhecer que acima dele existia uma força mística e poderosa, geradora de cada manifestação de vida que estava ao nosso redor.

Para mim, isso é discussão para historiadores e religiosos, pois não tenho respaldo para isso... O fato é que, em virtude da arrogância de líderes egípcios naquela época, bem como “a não libertação do povo hebreu”, tal localidade fora assolada pelas famosas pragas presentes em narrativas bíblicas. Ainda se apegando a antiga religião, algumas pessoas faziam sacrifícios de sangue para banir tanta desgraça de suas vidas.

Dentre as jovens virgens escolhidas para o sacrifício final, uma delas foi Aisha. Muitos atribuíram-lhe a culpa por não alimentar a fé na deusa Ísis, pois Aisha vivia um conflito de crenças que se tornou bastante nítido.

Outros, motivados por questões políticas, viram nesse episódio o momento ideal para se vingar da família da sacerdotisa, que na época, era um dos modelos tradicionalistas mais renomados e bem abastecidos economicamente.

Aisha, prevendo o seu fim, não ousou fugir e nem ser covarde. Apenas olhou para o céu e rogou ao Deus único que a protegesse.

Nesse momento, Auriel liderava os Anjos que castigavam o Egito com as pragas. Ele estava na cidade quando viu um grupo de pessoas arrastando pelos cabelos Aisha, que permanecia quieta, fazendo suas devidas orações, sem ter a certeza, se de fato, estava sendo ouvida.

O Anjo da Morte sentiu uma força inexplicável. Havia algo mágico que o atraiu. No princípio, não soube o que era.